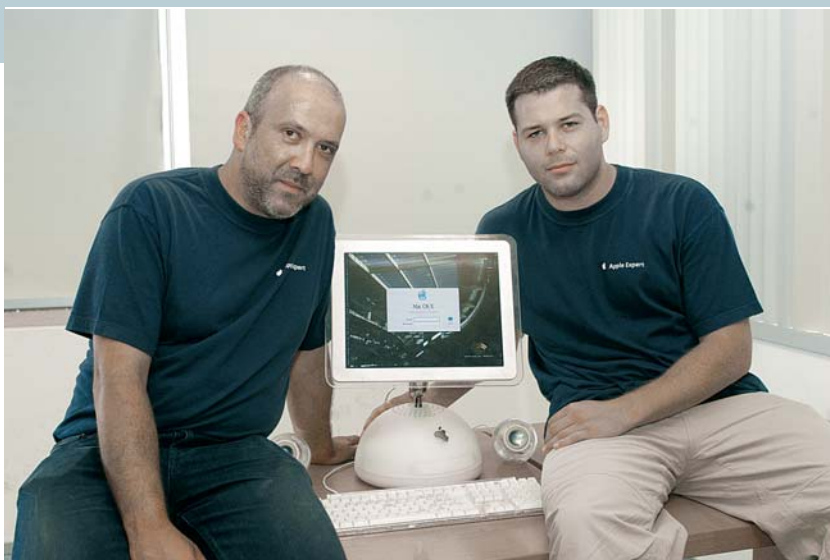


Apple em português

Em Portugal, a decisão da Apple de utilizar processadores Intel parece estar a ser bem aceite pela comunidade de utilizadores Macintosh. ERICA MACIEIRA



■ Para Pedro Aniceto e João Lúcio, do iClub, a transição para Intel é «um mal necessário».

O abandono dos PowerPC e a transição para a plataforma Intel parece ser uma “guerra” económica e estratégica, que pouco importa aos utilizadores. Pelos menos aos portugueses. A BiT ouviu duas comunidades de utilizadores e defensores do mundo Mac: o iClub (Grupo de Utilizadores Mac) e o Mac@IST, do Instituto Superior Técnico.

iClub

O iClub (www.iclub.com.pt) nasceu no início de 2002 como um grupo de utilizadores de produtos Apple em Portugal. É uma fonte de notícias, dicas, conteúdos específicos, discussão e resolução de problemas sobre esta plataforma.

Para João Lúcio (responsável pelo projecto) e Pedro Aniceto (cronista do site), a mudança para os processadores da Intel «não será uma transição fácil, mas compreendemos que é um mal necessário». «Neste momento, os computadores funcionam bem e são rápidos, sobretudo a nível profissional. São computadores competitivos. Mas, tendo em conta as notícias que têm sido publicadas, os processadores Power PC que equipam os computadores Apple ficarão bastante desactualizados daqui a um ou dois anos – sobretudo ao nível dos portáteis, que são, cada vez mais, uma parte importante das vendas. Neste momento, a passagem para chips Intel é um mal necessário, visto que será a única empresa que conseguirá fornecer processadores capazes e com perspectivas de, no futuro, continuar a fazê-lo e a desenvolver novos e bons produtos», justifica João Lúcio.

Pedro Aniceto mostra também algumas dúvidas sobre a existência de algum preconceito entre os utilizadores quanto a esta mudança. «Atrever-me-ia a dizer que 80% dos utilizadores Apple comuns não sabem sequer que processador tinham antes de terem Apple. Se perguntar a um utilizador Windows, ele descreve-lhe a máquina de fornecedor para fornecedor, como o facto de ter uma placa X, um processador Y e uma placa gráfica com memória tal. Se perguntar a um utilizador Apple, ele apenas diz que tem um Macintosh. Isto é aquela imagem de união e de marca que é tão forte e deve-se apenas à satisfação das pessoas por usarem esse produto», salienta.

Quanto ao facto de os produtos Macintosh poderem “perder-se” no universo Intel, Pedro Aniceto descarta essa possibilidade: «Não importa saber o que está por baixo do capot do automóvel, desde que o automóvel me satisfaça». João Lúcio concorda: os computadores são bonitos, têm um design fora de série e soluções que normalmente as pessoas não notam, mas que tornam o computador funcional, ainda que a base de utilização seja o sistema operativo. «Isso irá manter-se mesmo com a mudança de processadores e esta mudança irá permitir o desenvolvimento de novos produtos numa continuidade daquilo que existe hoje. O processador muda, mas o sistema mantém-se igual. Portanto, será uma mudança necessária, pela dificuldade que o Power PC teria em continuar a desenvolver-se. Mas a base conti-

nuará a ser a mesma, o design dos produtos será cada vez melhor e o sistema operativo também.»

A possibilidade de ter programas Windows normais a correr num Mac ainda suscita algumas dúvidas. Sendo a questão Apple/Intel recente, é necessário aguardar para a obtenção de resultados mais fiáveis. Mesmo assim, Pedro Aniceto afirma que «os gigantes do software mundial que desenvolvem para duas plataformas passam a poder compilar facilmente para um lado ou para o outro, sem grandes diferenças de arquitectura. Isso vem, obviamente, beneficiar o mercado». No entanto, salienta a importância de manter a qualidade Apple em alta.

Para Pedro Aniceto, não será fácil ter programas Apple a correr num PC. Segundo ele, a arquitectura que hoje possibilita a existência de produtos topo de gama como o Final Cut Pro ou como a gama de software Adobe para os meios gráficos atingiu um ponto alto, graças à utilização profissional. E, acrescenta, as pessoas não escolherão de acordo com o software, mas sim com base no desempenho da máquina. «Se o desempenho da máquina for tão bom quanto tem sido até agora, não há razões para temer que aconteça este fenómeno de invasão de plataformas.» Já para João Lúcio, «esta situação será possível no futuro, caso alguns programas específicos que são desenvolvidos para Mac tenham um processador semelhante, para poderem ser passados por pequenos programadores para Windows».



■ O Mac@IST confia na Apple para garantir um processo de transição simples.

Mac@IST

Miguel Arroz é um dos fundadores do Mac@IST, uma comunidade que nasceu no semestre passado. O principal objetivo do Mac@IST é unir os utilizadores de produtos da Apple do Instituto Superior Técnico (IST). Mas também visa criar uma cultura de entajuda na comunidade, criar uma base de dados com informações sobre a utilização de produtos Apple na realização de projectos ou como elemento de estudo nas várias licenciaturas, e desmistificar a plataforma Apple como “incompatível” no mundo actual (académico ou empresarial).

A paixão de Miguel Arroz pela Apple começou em 1987. No Técnico, sentiu a necessidade de criar uma estrutura que permitisse a entajuda entre estudantes, na adaptação ao *software*. Foi assim que nasceu o Mac@IST.

Miguel Arroz vê a transição de processadores IBM para Intel como o início de uma relação amor/ódio. «De um ponto de vista de engenharia, tenho pena que a Apple deixe de utilizar as CPU PowerPC, dado que a arquitectura interna é bastante mais elegante e tem uma margem maior para evolução. De um ponto de vista de produto, tenho noção de que, no fabrico de uma CPU, não interessa apenas a arquitectura interna, mas também o processo de fabrico. A Apple precisa desesperadamente de processadores de baixo consumo para os seus portáteis, algo em que a IBM não está interessada em investir, ao contrário da Intel», defende. Segundo ele, o

mercado principal da IBM é o dos servidores, onde o consumo da CPU e o calor gerado é algo com pouca relevância. Para a IBM, o investimento em processos de fabrico de CPUs de baixo consumo é algo insustentável, dado que o único cliente seria precisamente a Apple. «A Intel, por outro lado, tem atacado o mercado portátil com CPUs de baixo consumo, assim como com toda a tecnologia Centrino. E vai continuar a fazê-lo, dado que o número de clientes compensa claramente o investimento feito», afirma. «Foi uma transição que teve de ser feita, embora sem grande entusiasmo.» No entanto, este membro do Mac@IST realça o facto de a Apple conseguir ter, neste momento, um sistema operativo completo «totalmente independente da plataforma onde está a correr, e de o conseguir de uma forma mais elegante do que o Linux».

Segundo ele, também para os programadores será muito simples efectuar a transição, salvo em programas muito específicos. «Para muitos produtos actualmente existentes, gerar uma aplicação com código para Intel e PowerPC (os Universal Binaries) vai ser conseguido apenas com o clique num botão», salienta. «Tenho plena confiança de que a Apple vai conseguir levar a cabo esta transição com danos mínimos para os utilizadores.» Em relação aos argumentos utilizados pela Apple para desistir da IBM e optar pela Intel, Miguel Arroz acredita neles, no sentido em que mudar para Intel aparenta ser um futuro mais ri-

Miguel Arroz – Mac@IST

A “diferença” dos produtos Mac vai perder-se no universo Intel?

Miguel Arroz: Nos produtos, não. Nas CPU, obviamente que sim. Se temos computadores que não são mais lentos do que os PC, também nunca vamos ter nenhum que seja mais rápido. No entanto, a diferença já existe. A maior diferença da Apple em relação à concorrência não é a velocidade de processamento (para ser sincero, já existem máquinas Intel e AMD mais rápidas), mas sim a qualidade global do produto. Sou responsável por mais de 20 máquinas Apple, metade delas a funcionar continuamente, 24 horas por dia. Nunca tivemos uma avaria suficientemente grave que obrigasse a parar uma máquina. Geralmente, a Apple assume os defeitos de fabrico e efectua a substituição gratuitamente, mesmo com a máquina fora da garantia. Além disso, as máquinas são extremamente bem construídas, em termos de transporte ou em termos de acesso ao seu interior. E, claro, a maior diferença de todas é o sistema operativo. O Mac OS X arrasa tecnologicamente o Windows e é imensamente mais fácil de utilizar que o Linux. É a escolha acertada para a maior parte das aplicações. Essa diferença irá manter-se por muitos anos.

sonho do que manter o PowerPC. «Se eles dissessem que as CPU Intel são tecnicamente mais elegantes ou mais propensas a evolução do que os PowerPC, não acreditaria. São-no como produto, dado que a Intel está a investir e a IBM não. Mas, de um ponto de vista puramente técnico, não o são. Depois de ver a conferência, fiquei com a ideia de que Steve Jobs escolheu muito bem as palavras. Aliás, não encontramos uma referência que seja à arquitectura x86. Steve Jobs fala apenas em processadores “Intel”. Apesar de os kits de desenvolvimento vendidos pela Apple serem constituídos por PCs com um Pentium 4 normalíssimo, nada indica que a CPU final vá ser essa. Está aberta a hipótese de ser algo diferente, que mantenha o mesmo *instruction set*. Aguardemos.» ■